

A ARTE COMO BÁLSAMO: PINTURA E MÚSICA EM SCHOPENHAUER

The art as balm: painting and music in Schopenhauer

João Elton Jesus¹

Resumo: Na obra *O mundo como vontade e representação*, Arthur Schopenhauer apresenta as manifestações artísticas como forma de objetivação da vontade, que para ele, está associada ao Bem platônico e a Coisa-Em-Si propugnada por Kant. Este trabalho tem o objetivo de apresentar a estética construída pelo Cavaleiro Solitário, onde a contemplação da arte, destacando a pintura e, especialmente a música, apresenta-se como bálsamo para o ser humano superar o pessimismo causado pelo mundo passageiro dos fenômenos e assim alcançar, ainda que provisoriamente, a tão sonhada *ataraxia*.

Palavras-chave: Estética, Música, Pintura, Vontade, Representação.

Abstract: In the book *The World as Will and Representation*, Arthur Schopenhauer shows the artistic manifestation as objectivation of the will, which is associated to Platos's idea of the Good and the Thing In Itself proposed by Kant. The aim of this article is to present the aesthetic built by the Solitary Knight, where the contemplation of arts, especially painting and music as well, reveals as a balm to human been overcome the pessimism caused by the transitory world of phenomenon achieving, provisionally though, the dream of the *ataraxia*.

Keywords: Aesthetic, Music, Painting, Will, Representation.

1. O Cavaleiro Solitário

Arthur Schopenhauer (1788-1860) é considerado como um dos fundamentos do pensamento contemporâneo. Nietzsche ao narrar a sua experiência filosófica diz “eis que encontrei Schopenhauer: senti ter encontrado nele aquele educador e filósofo que procurei por tanto tempo”².

O filósofo, filho de comerciante nascido na Prússia, está inserido em um contexto de transição ente Classicismo e Romantismo. Trata-se de uma época de intensa crise. O medo da morte ainda assola o homem. A razão humana se mostra incapaz de cumprir a

¹ Bacharel em Administração com ênfase em Marketing pelas Faculdades Anhanguera. Graduando em Filosofia na Faculdade de Filosofia e Teologia – FAJE e Pós-graduando em Juventude e Mundo Contemporâneo pela FAJE. Participa de Iniciação à Pesquisa Científica promovida pela FAJE/Fapemig e do Grupo de Pesquisa Filosofia do corpo a partir da Fenomenologia e do pensamento analítico arqueogenalógico da FAJE/CNPQ.

² NIETZSCHE, F. *Schopenhauer como educador*. Tradução Adriana M. Saura Vaz. Campinas: Faculdade de Educação/ UNICAMP, 1999, p.7.

promessa de plenitude e felicidade. O Romantismo valoriza a dimensão da intuição e do sentimento. Mostra que é possível uma formação não só do intelecto, mas também da sensibilidade. Tenta recuperar o estado primordial onde tudo era uno.

As viagens de Schopenhauer incentivadas por seu pai, a fim de capacitar seu filho para atuar no comércio, levaram-no a perceber a miséria da condição humana. Esta percepção influenciou fortemente o pensamento do filósofo.

O cavaleiro solitário, como foi chamado por Nietzsche, teve uma vida conturbada, com frequentes crises de depressão e difícil relação com a família. Em sua carreira profissional lecionou na universidade de Berlin por duas vezes, ambas experiências frustradas devido a não compreensão de seu pensamento, principalmente pela sua oposição a Hegel.

Embora inserido num ambiente de pessimismo, para Schopenhauer existe a possibilidade de um otimismo e esse pode ser alcançado pelo estado de tranquilidade e *ataraxia* a que nos conduz a fruição estética da natureza e da arte, “autêntico bálsamo para a existência fundamentalmente sofredora do ser humano”³

Schopenhauer foi o primeiro filósofo ocidental a fazer uma intersecção entre a filosofia oriental (budismo, pensamento vedanta) e a filosofia ocidental de inspiração platônico-kantiana⁴. Um dos objetivos de Schopenhauer é fazer crítica à razão. Ele leva em conta o irracional como princípio do mundo.

O reconhecimento do pensamento schopenhaueriano só aconteceu nos últimos anos de sua vida, principalmente depois da publicação de *Parerga e Paralipomena* (1821). Schopenhauer morreu aos 72 anos de idade, vítima de pneumonia. Em 1900 conforme aponta Rosa Maria Dias, se tornaria “o filósofo mais lido do mundo”⁵.

2. O Mundo como Vontade e Representação

Embora não tenha sido inicialmente bem recebido pela crítica, *O Mundo como vontade e Representação* foi publicado em 1818. É considerado uma das grandes obras primas do autor. Subdividido em quatro livros, aborda a representação submetida ao princípio da razão, o mundo como vontade no aspecto de sua objetivação e também uma metafísica da ética.

Especificamente no livro III, Schopenhauer aborda a questão da metafísica do belo, levando em consideração a arte e a contemplação estética. Para ele, em um mundo baseado no sofrimento e no pessimismo, a beleza e a contemplação estética são meios por onde a verdade é revelada.

Para argumentar a possibilidade de superação do pessimismo, Schopenhauer apresenta o que ele vai chamar de mundo da vontade e de mundo da representação. O primeiro é a verdade, é o primordial, o segundo, apresenta os fenômenos, a objetivação.

Schopenhauer simplifica as categorias de entendimento kantianas, mantendo a categoria da causalidade. Assim, baseando-se nas categorias a priori apresentadas por Kant, o chamado mundo da representação de Schopenhauer é aquele onde se manifestam os fenômenos. Em *Crítica da Razão Pura*, o autor que influencia o pensamento de Schopenhauer faz a seguinte afirmação:

Se posso dizer *a priori*: todos os fenômenos exteriores são determinados *a priori* no espaço e segundo as relações do espaço, posso igualmente dizer com inteira generalidade, a partir do princípio do sentido interno, que todos os fenômenos em geral, isto é, todos os

3 SCHOPENHAUER, A. O mundo como verdade e representação. São Paulo: Editora UNESP, 2005, p. 9.

4 Ibidem, p.12.

5 DIAS, R. M. Schopenhauer e a arte. In HADDOCK-LOBO, Rafael. Os filósofos e a arte. Rio de Janeiro: Rocco, 2010, p 103.

objetos dos sentidos, estão no tempo e necessariamente sujeitos às relações do tempo.⁶

Assim, o mundo dos fenômenos está inserido dentro do espaço-tempo, onde se individualiza e se multiplica em sua diversidade e multiplicidade. Para Schopenhauer, os fenômenos estão também submetidos ao princípio de causalidade, pois são explicáveis por efeitos de causa.

No entanto todos esses fenômenos trazem uma verdade que não pode estar dentro do espaço-tempo-causalidade. Essa verdade é nomeada de vontade, é uma força que age na natureza e se objetiviza nos fenômenos, é, portanto, o nível mais fundamental da realidade.

Dentro dessa explicação metafísica da realidade, Schopenhauer faz uso da filosofia platônica das ideias. Para o pensador alemão, as ideias é o primeiro grau de objetivação da vontade “Elas são os modelos ou os arquétipos das coisas particulares, as primeiras objetivções do querer na natureza, realidades intermediárias entre a vontade una e a multiplicidade das individualidades”⁷

Diferente das representações, a ideia não é múltipla, pois está fora do tempo-espaço, e não surge ou desaparece, pois não é submetida a causalidade. Contudo, a ideia é um objeto, algo reconhecido, uma representação, e por isso diferente da coisa em si, mas não chegou nas formas do fenômeno. O fenômeno (as coisas individuais, expostas à criação e corrupção) por sua vez, contém essa ideia (que é eterna, não é corruptível).

Destarte, a vontade que é essa força motor de toda a realidade, primeiro se objetiviza imediatamente nas ideias. Em seguida, em sua ânsia, se fragmenta em coisas particulares, se objetiviza nos fenômenos e permanece em cada um deles inteiramente una.

Para Schopenhauer há uma variação de graus de objetivação da vontade nos fenômenos. Há nos objetos inanimados um grau de objetivação menor do que nas plantas, essas estão aquém da objetividade nos animais irracionais, e estes, por sua vez, possuem um grau de objetivação menor do que o ser humano. Assim, neste, a vontade representa a si mesma com o maior clareza e perfeição⁸.

Como a vontade se objetiviza em graus variados nos diversos fenômenos, há uma multiplicidade e um conflito entre essas objetivções. Os fenômenos trazendo em si a vontade, vão sempre buscar uma maior participação no espaço e no tempo. Assim o mundo da representação é o lugar de dor, de conflito, de pessimismo e de guerra.

O conhecimento pertence à objetivação da vontade em seus graus mais elevados. Ele é útil à vontade e com ela se mantém numa relação mais ou menos estreita pois o princípio da razão situa o corpo na sua relação com os objetos, de modo que o conhecimento (por meio do princípio da razão) torna os objetos interessantes aos indivíduos que, então, possuirão uma relação com a vontade.

Assim o conhecimento (e, portanto, a ciência, de forma sistematizada) conhece dos objetos apenas no momento (tempo, espaço e causalidade), somente as suas relações com a vontade. Todo fenômeno está no tempo, então é e não é, pois estão submetidos ao tempo que é passageiro, desprovido de substância e relativo.

Schopenhauer afirma que nos homens, diferentemente dos animais, a servilidade do conhecimento pode ser suprimida. Para ele o conhecimento temporal do homem só pode alcançar as ideias se for suprimida a individualidade.

Ao eliminar se destitui do princípio da razão. Isso se dá quando é-se erguido pela força dos espíritos que leva a contemplação do objeto natural, deixando o “por quê”, o “para que”, o “onde” e o quando e direciona-se ao “para o que”,

6 KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 2001, §6, B51.

7 DIAS, R.M. Schopenhauer e a arte. In Haddock Lobo, R. *Os filósofos e a arte*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010, p. 107.

8 SCHOPENHAUER, A. *O mundo como verdade e representação*. São Paulo: Editora UNESP, 2005, p. 226.

de modo que o sujeito e o objeto tornem-se um só, sem nenhuma interferência entre ambos, onde o sujeito perdeu-se na intuição, sendo então sujeito puro, destituído de vontade, de dor, de temporalidade.

Desta forma, eliminando a individualidade por meio da elevação do espírito, o homem deixa de conhecer somente coisas individuais baseadas em meras relações contingentes e passa a ser o sujeito puro cognoscente das ideias e assim chegando ao mundo da vontade, a Ideia Absoluta.

Diferentemente de Kant que afirmava a incapacidade de alcançar a vontade, a coisa-em-si, Schopenhauer, embora conhecido como pessimista apresenta duas formas de chegar ao conhecimento da vontade.

Uma forma mais definitiva é por meio do ascetismo. Esse caminho apresentado, talvez tenha a sua origem nas influências religiosas orientais que Schopenhauer recebeu e buscou aplicar na filosofia que fizera. Nessa forma, o asceta chegaria a vontade de forma mais definitiva.

O outro meio apresentado por Schopenhauer é através da contemplação estética. Para ele a experiência artística possibilita, ainda que temporariamente, quebrar o princípio da individuação e da razão (saindo do espaço-tempo-causalidade) e assim chegar à contemplação das ideias, primeira objetivação da vontade.

3. A Contemplação Estética

No processo da contemplação estética encontram-se de um lado o sujeito cognoscente e de outro lado o objeto da contemplação. Para Schopenhauer, o objeto da contemplação está no nível da matéria, pois este está ligado à causalidade, aos fenômenos e ao princípio da razão.

O filósofo alemão afirma que a matéria por si não pode apresentar uma ideia, no entanto ela pode ser o elo entre a ideia e o sujeito cognoscente. A matéria pode ajudar o sujeito cognoscente a superar o princípio da individuação e alcançar o conhecimento puro da ideia.

Assim para o autor, as artes, embora sejam matéria, sejam fenômenos, objetivação da vontade se pensadas em si, podem se transformar em objeto da contemplação estética. Nelas o que importa não é uma coisa individual, mas a ideia que são nelas revelada.

As gradações propugnadas pelo *Cavaleiro solitário*, são paralelas às gradações de objetivação da vontade verificada nos organismos. Dessa maneira, as artes para Schopenhauer são objetivações adequadas da vontade em um determinado grau. O objeto da observação estética traz consigo dois aspectos: o belo e o sublime. Ambos proporcionam “o conhecer puro e independente da vontade”

O belo se caracteriza pelo estado de conhecimento puro, independente da vontade, ocorre sem resistência, pelo “simples desaparecimento da vontade no interior da consciência. Esse conhecimento se dá sem oposição, facilitando o conhecimento da ideia. “no belo o domínio do conhecimento puro se exerce sem luta”⁹

Ao contemplar uma coisa bela, essa visão nos torna objetivos “não mais somos conscientes de nós mesmos como indivíduos, mas como sujeitos puros do conhecimento destituídos da vontade”.¹⁰ O belo faz com que a observação não se submeta ao princípio da razão, pois “reconhecemos no objeto não a coisa individual, mas uma ideia” à qual remete a representação artística ou o que está nela contida.

⁹ SCHOPENHAUER, A. O mundo como verdade e representação. São Paulo: Editora UNESP, 2005, p. 277.

¹⁰ Id.

Para Schopenhauer em todas as coisas a vontade se objetiviza em algum grau, logo, todo fenômeno de alguma forma é belo, mas cada um de forma específica o grau de beleza está associado ao grau de objetivação da ideia.

O sublime que é o estado de conhecimento puro atingido “apenas pela elevação livre consciente acima da vontade com que o próprio objeto contemplado possui uma relação desfavorável, hostil, que perseguida eliminaria a contemplação”¹¹

O estado do conhecimento puro proporcionado pelo sublime, ao contrário da ausência de luta proporcionada pelo belo, é conquistado por meio de uma “libertação violenta das relações do objeto com a vontade reconhecidas como desfavoráveis.”

Nesta distinção entre belo e sublime, é importante ressaltar dois pontos: a) a ligação do belo com o polo objetivo (conhecimento da ideia) e a ligação do sublime com o polo subjetivo (transformação do sujeito que conhece); b) estas duas categorias (belo e sublime) não estão em oposição, pois Schopenhauer apresenta uma graduação entre elas.

Na relação da observação estética, não há diferença temporal entre a ideia e o sujeito puro do conhecimento pois “ambos são inteiramente estranhos ao princípio de razão em todas as suas formações”. Para Schopenhauer espaço se furta a ideia: Segundo ele “não é a configuração espacial aos meus olhos, mas a expressão, o significado puro da mesma, sua essência mais íntima, que se revela e me provoca”¹².

Sem o princípio da razão, tanto a coisa individual quanto o indivíduo cognoscente também desaparecem. Assim nada resta além da ideia e do sujeito puro do conhecimento, a constituir em conjunto a objetividade adequada da vontade neste grau.

O autor escreve que a fonte do prazer estético acontece na concepção das ideias conhecidas. Nas revelações nítidas da vontade, como homens e animais: “porque estas representam a maior diversidade das figuras, riqueza e significação profunda dos fenômenos, revelando-nos do modo mais perfeito a essência da vontade”¹³

Contudo o prazer estético também pode advir da tranquilidade e paz de espírito do conhecer puro, sem qualquer interferência da individualidade e do sofrimento. “Essa forma acontece na contemplação no inorgânico, vegetal e nas obras arquitetônicas, porque as ideias aqui compreendidas são somente graus inferiores da objetividade da vontade, e portanto não fenômenos de significação profunda e conteúdo amplo”¹⁴

O primordial do belo é a ideia, a beleza especial de um objeto está no fato deste possuir a própria ideia. Desta maneira o homem se apresenta como a coisa mais bela. Schopenhauer parafraseia Goethe: “Quem contempla a beleza humana, a nada de mal se expõe, está em harmonia consigo e com o mundo” e o autor continua, “por isto é o homem a mais bela das coisas, e a revelação da sua natureza o mais alto objetivo da arte. A figura e a expressão humanas são o objeto mais importante das artes plásticas, assim como a atividade humana o mais importante objeto da poesia.”¹⁵

4. Pintura

A pintura, para Schopenhauer é uma forma material que serve como meio para o sujeito chegar ao conhecimento das ideias. No entanto, essas ideias se objetivizam em graus diferentes de acordo com o tipo de pintura.

Nas *pinturas de natureza* morta e pintura de arquitetura pura o mais relevante não é a apreensão imediata da ideia, mas há uma predominância do lado subjetivo do prazer estético, o conhecimento puro independente da vontade.

11 Id.

12 Id.

13 SCHOPENHAUER, A. O mundo como verdade e representação. São Paulo: Editora UNESP, 2005, p. 286.

14 Id..

15 Ibidem, p.282.

Ao mostrar o pintor as coisas através de seus olhos, adquirimos aqui simultaneamente uma sensação póstuma e partilhamos de um sentimento de profunda paz espiritual e de completo silêncio da vontade, indispensáveis para mergulhar o conhecimento inteiramente nestes objetos sem vida e apreendê-los com tal dedicação, com tal grau de objetividade.

O objeto da arte é o mundo vegetal, na *Pintura paisagística*. Nesse tipo de arte, as ideias alcançam um grau de objetividade da vontade maior, ressaltando o lado objetivo do prazer estético que, por sua vez, se equilibra com o aspecto subjetivo deste. O conhecimento puro como tal não mais constitui o principal, mas com igual poder atua a ideia conhecida, o mundo como representação em um grau significativo da objetivação da vontade.

Um outro grau da objetivação da vontade aparece na *Pintura de animais*. Nestas apresentações, a face objetiva do prazer estético adquire predominância sobre a subjetiva. “O característico dos gêneros aqui torna-se muito mais importante, e transparece não apenas na figura, mas em ação, posição e mímica, embora sempre somente como caráter da espécie, não do indivíduo”.

A observação objetiva de suas variadas figuras maravilhosas e de suas atividades e interesses constitui uma lição instrutiva do grande livro da natureza, é uma decodificação das verdadeiras *signatura rerum* percebemos nela os múltiplos graus e modos da manifestação da vontade que, idêntica em todos os seres, quer sempre o mesmo, o que se objetiva como vida, como existência, numa tão ilimitada variedade, numa tão diversificada configuração, todas acomodações para as diversas condições externas, na comparação de muitas variedades do mesmo tema.¹⁶

O modo imediato da ideia em que a vontade alcança o máximo de objetivação é na *pintura histórica*. O lado objetivo do prazer no belo é aqui inteiramente predominante, e o subjetivo fica em segundo plano.

Esse grau maior de objetividade é alcançado porque nessas obras são representadas a beleza humana “a mais perfeita objetivação da vontade no mais alto grau de sua cognoscibilidade” elevando de modo fácil e rápido ao estado de conhecimento puro. Assim, ao contemplar a figura humana, contemplamos, portanto, o mais alto grau de objetivação da vontade.

O corpo humano é, então, uma rara possibilidade de beleza, é uma harmonia que no todo se apresenta sem excessos ou carência. Schopenhauer afirma que ele traz em si um sistema “altamente combinado de partes inteiramente diferentes, cada uma possuindo uma vida subordinada ao todo, mas também uma vida particular, *vita propria*”¹⁷.

O homem e o animal representam o mais alto grau da revelação da vontade, pois trazem consigo uma série de ações. Possuem em si, o que Schopenhauer chama de graça que “consiste na realização de todo movimento e toda posição do modo mais leve, apropriado e cômodo sendo assim a pura expressão correspondente à sua intenção ou do ato da vontade”

¹⁶ SCHOPENHAUER, A. *O mundo como verdade e representação*. São Paulo: Editora UNESP, 2005, p. 294.

¹⁷ *Ibidem*, p.296.

A graça pressupõe uma proporcionalidade de todos os membros, um corpo regular e harmonioso; pois somente assim é possível a leveza perfeita e a conveniência transparente em todas as posições e movimentos; portanto a graça nunca existe sem um certo grau de beleza do corpo. Ambas perfeitas e reunidas constituem o fenômeno mais nítido da vontade no grau mais elevado de sua objetivação.¹⁸

Na pintura histórica apresenta-se a ideia da humanidade, pois o indivíduo se apresenta na humanidade e a humanidade se revela no indivíduo. Assim nesse tipo de pintura são apresentadas cenas da vida, procedimentos e ações que apresentam a multiplicidade de indivíduos. “Nem qualquer indivíduo nem qualquer ação pode ser destituída de significado; em todas e por todas se desdobra mais e mais a ideia da humanidade. Por isto nenhum procedimento da vida humana há que ser excluído da pintura.¹⁹”

Não é por uma experiência *a posteriori* que se conhece o belo. Esse é alcançado por meio de um conhecimento *a priori* que atinge não a forma dos fenômenos, mas o conteúdo, o “o que”. O homem, por ser o mais alto grau de objetivação da natureza, é capaz de antecipação da ideia, conhecida pelo menos *a priori*, do que a natureza se esforça por apresentar.

Esta antecipação é o ideal, é a ideia, enquanto conhecida *a priori* pelo menos em metade, e enquanto tal vem de encontro *a posteriori* do oferecido pela natureza, completando-o, tornando-se assim prática para a arte. A possibilidade de uma tal antecipação do belo *a priori* no artista, como seu reconhecimento *a posteriori* no conhecedor, reside no serem artista e conhecedor eles mesmos o em-si da natureza, a vontade se objetivando²⁰

Desta maneira, a contemplação estética (ou a própria criação artística) permite um conhecimento *a priori*, no entanto, a experiência do belo não é completamente *a priori*, depende do contato com um fenômeno (obra de arte ou natureza) que expressa a ideia.

5. Música

Para Schopenhauer a arte da música não se enquadra em nenhuma das outras categorias de arte apresentadas (arquitetura, pintura, escultura, tragédia), estando isolada de todas essas outras manifestações artísticas. A música é compreendida com intensidade e perfeição, com clareza, algo que ultrapassa o exercício da aritmética, como pensava Leibniz.

À música deve-se atribuir um significado muito mais sério e profundo, relacionado com a essência mais íntima do mundo e de nós mesmos. A sua relação reprodutora com o mundo é muito mais íntima, infinitamente verdadeira, precisamente correta, porque é compreendida instantaneamente por qualquer um.

Com a “maravilhosa arte dos sons” a reprodução do mundo ganha uma certa infalibilidade, pois possui forma a regras bem determinadas, de expressão numérica, de que não se pode desviar sem deixar de ser música. Assim, Schopenhauer buscará uma explicação sobre a essência interior e sobre o modo da relação reprodutora da música com o mundo.

¹⁸ *Ibidem*, p.300.

¹⁹ SCHOPENHAUER, A. *O mundo como verdade e representação*. São Paulo: Editora UNESP, 2005, p.306.

²⁰ *Ibidem*, p. 297.

As ideias platônicas são objetivação adequada da vontade. Cabe às artes serem o elo material pelo qual o sujeito cognoscente será estimulado ao conhecimento das ideias. As artes mediam o conhecimento das ideias, no entanto elas mesmas também estão enquadradas no princípio de individuação, estando no mundo aparente.

Mesmo com a ausência do mundo, a música existiria, pois ela é independente do mundo aparente. A música é uma reprodução e uma objetivação tão imediata de toda a vontade, como o são as ideias.

A música, portanto, não é a representação das ideias, ela é a representação da própria vontade. “Justamente por isso o efeito da música é tão mais poderoso e penetrante que o das outras artes, já que estas falam apenas de sombras, enquanto aquela fala da essência”.²¹

Ora, já que é a mesma Vontade que se objetiva tanto nas Ideias quanto na música, embora de maneira bem diferente em cada uma delas, deve haver entre música e Ideias não uma semelhança imediata, mas um paralelismo, uma analogia, cujo fenômeno na pluralidade e imperfeição é o mundo visível.²²

Em analogia com a teoria musical, Schopenhauer, assim como fez com a ideia e as artes, define os graus de objetivação da vontade dentro da música.

Primeiro Schopenhauer aborda a harmonia onde está o baixo fundamental que repousa em todos os tons, dele tudo se origina e se desenvolve. Ele representa os graus mais inferiores da objetivação da vontade, a natureza inorgânica, a massa do planeta. “Desse modo, assim como do tom é inseparável um certo grau de altura, da matéria é inseparável um certo grau de exteriorização da Vontade”²³

As vozes que produzem a harmonia que estão mais próximas do baixo “correspondem aos graus mais baixos, ou seja, os corpos ainda inorgânicos, porém já se exteriorizando de diversas, formas. Já as vozes mais elevadas representam os reinos vegetal e animal.”²⁴

Em seguida, o filósofo apresenta a melodia. Na voz principal, aguda, que canta, apresenta-se um todo, dirigindo o conjunto e se desenvolvendo ao acaso do começo ao fim, numa conexão contínua e significativa de um só pensamento e de um modo mais independente e melódica que na voz superior emancipada da “harmonia”.

Na harmonia conhece-se o grau mais elevado da objetivação da vontade, a vida e as aspirações providas de reflexão do homem, que percorrem uma existência com reflexão e por isto interligada como um todo.

A melodia tem conexão intencional e plenamente significativa do começo ao fim. Ela narra, por consequência, a história, a Vontade iluminada pela clareza de consciência, cuja impressão na efetividade é a série de seus atos. Porém, a melodia diz mais: narra a história mais secreta da Vontade, pinta cada agitação, cada esforço, cada movimento seu, tudo o que a razão resume sob o vasto e negativo conceito de sentimento, que não pode ser acolhido em suas abstrações.²⁵

²¹ SCHOPENHAUER, A. *O mundo como verdade e representação*. São Paulo: Editora UNESP, 2005, p.338.

²² *Id.*

²³ *Ibidem*, p. 339.

²⁴ *Id.*

²⁵ *Ibidem*, p. 341.

Para Schopenhauer o homem é um ser de desejo, de querer e de sentir, e o seu bem-estar só existe enquanto um desejo é sanado antes do surgimento de outro. Assim, a melodia que é um vagar contínuo, transita pelos tons. É um impulsionar múltiplo da vontade e um reencontro finito com o grau harmônico pois a própria dinâmica do sistema tonal, regida por tensões e resoluções, evoca os desejos e satisfações constantemente renovados.

O gênio consegue inventar e exprimir a melodia. Esta, por sua vez, está longe de toda reflexão e intencionalidade consciente, não há conceito, pois, é pura inspiração. “Quanto ao número inesgotável de possíveis melodias, corresponde ao inesgotável da natureza na diversidade de seus indivíduos, fisionomias e decursos de vida”²⁶

Assim como a transição rápida do desejo para a satisfação e desta para um novo desejo constitui a felicidade e o bem-estar, também as melodias rápidas, sem grandes desvios, são alegres; já melodias lentas, entremeadas por dissonâncias dolorosas, retornando ao tom fundamental apenas muitos compassos além, são tristes e análogas à satisfação demorada, penosa.²⁷

Contanto, Schopenhauer reitera que a música não abarca os fenômenos, mas a essência, a vontade. Ela não fala de sentimentos individualizados, mas da própria alegria. Assim acontece com a dor, com a tristeza, com o espanto, com o júbilo, com a serenidade, etc.

Por fugir aos fenômenos e ir à essência, a música não pode entrar no conceito das palavras. Schopenhauer critica a música cantada, como a ópera, pois para ele “Nesse sentido, quando a música procura apegar-se em demasia às palavras e amoldar-se aos eventos, esforça-se por falar uma linguagem que não é a sua”²⁸

Essa íntima referência da música à essência verdadeira de todas as coisas explica o fato de, quando soa uma música que combina com uma cena, ação, acontecimento, cercania, como que nos revela o sentido mais misterioso dos mesmos, entrando em cena como o comentário mais correto e distinto deles. De maneira similar, quando alguém se entrega por inteiro à impressão de uma sinfonia, é como se visse desfilar diante de si todos os eventos possíveis da vida e do mundo.²⁹

A música apresenta o metafísico, a coisa em-si para tudo o que é físico no mundo, que está no nível do fenômeno e que é representado pelas demais artes. Schopenhauer comenta que ao inserir uma música num contexto de uma pintura, o som irá levar o sujeito a contemplar algo que está para além das imagens representativas dos fenômenos apresentadas pela obra.

Por isso o gênio que compõe a música, o compositor, deve se inspirar em “um conhecimento imediato da essência do mundo, inconsciente de sua razão”.

A música nunca deve ser uma “não pode, com intencionalidade consciente, ser imitação intermediada por conceitos. Do contrário a música não expressa a essência Íntima, a Vontade mesma, mas apenas imita de maneira inadequada o seu fenômeno”³⁰,

²⁶ *Ibidem*, p. 343.

²⁷ *Ibidem*, p.342.

²⁸ *Ibidem*, p.344.

²⁹ *Id.*

³⁰ SCHOPENHAUER, A. *O mundo como verdade e representação*. São Paulo: Editora UNESP, 2005, p. 346

como acontece com a música transcritiva. Esse tipo de “música” deve ser rejeitada, aponta Schopenhauer.

Generalidade é a linguagem da música, no sentido de que ela apresenta o em-si do mundo. Schopenhauer ressalta que a música, como o mundo, só objetiva a vontade se adquire apenas uma harmonia completa.

A melodia intervém até mesmo como parte integrante da harmonia, assim como esta naquela; e, assim como apenas no conjunto das vozes a música expressa o que intenta expressar, assim também a Vontade una e exterior ao tempo encontra a sua objetivação perfeita apenas na união completa de todos os graus que manifestam, em estádios cada vez mais distintos, a sua essência³¹

Por fim Schopenhauer aponta que a música é o ápice e síntese da estrutura do cosmo, a maior das artes, traz a maior objetivação da vontade pois é percebida única e exclusivamente em e mediante o tempo, com inteira exclusão do espaço, sem influência do conhecimento da causalidade, e, portanto, do entendimento.

Para ele os tons criam a impressão estética como simples efeitos, e sem retorno à sua causa, como no caso da intuição. E assim Schopenhauer ao parafrasear Leibniz a seguinte máxima “*A música é um exercício oculto de metafísica, sem que o espírito saiba que está filosofando*”³².

Considerações finais

Schopenhauer busca propor uma nova alternativa à filosofia e à existência humana. Não é um pensador que se limite ao visível, às coisas dadas, às verdades apresentadas no passado ou por seus contemporâneos. Sem deixar de ouvir o outros, e os outros que lhe são diferentes, o cavaleiro solitário tem suas próprias ideias, e acredita nelas, mesmo sob fortes críticas.

Não é alheio a si mesmo e à sua realidade. Diante do sofrimento humano e do limite da razão, o pensamento schopenhaueriano buscou superar o pessimismo. Descobriu um caminho através da arte, dando um sentido para a humanidade, humanizando-a.

A coerência e a construção do texto faz com que o leitor realmente mergulhe nos seus escritos. Não é possível ser indiferente ao “poema” de *O mundo como vontade e representação*. A estética construída por Schopenhauer mostra com uma “lógica poética” que realmente há algo em nossa realidade que não pode ser apreendida apenas com a razão.

Ele não nega a racionalidade, não despreza os fenômenos, mas acredita que o sentido, a originalidade, o fundamento está aquém do simples material. Convida, portanto, a superarmos os nossos “limites” e “ver” o que é “invisível”.

Se para Aristóteles o homem é um ser racional, para Schopenhauer o homem é um gênio. Todos em mais ou menos grau somos capazes de enxergar a beleza, de alcançar as ideias, de se aproximar da vontade. A arte é um dos meios, dos caminhos para aí chegar.

A contemplação estética nos suspende do mundo restrito aos fenômenos, nos leva a um “horizonte” maior, a um estágio que nenhuma palavra, nenhum conceito pode definir. Transporta do finitude para o infinito. Essa foi a proposta de Schopenhauer e esse é o desejo daqueles que leem seus escritos e deixam ser levados por eles.

Assim, somente a arte, como forma de transportar-nos para algo mais primordial, pode ser o bálsamo para o sofrimento e uma alternativa para o pessimismo no mundo.

³¹ *Ibidem*, p.348.

³² *Ibidem*, p.347.

Referências

- DIAS, R. M. *Schopenhauer e a arte*. In HADDOCK-LOBO, Rafael. *Os filósofos e a arte*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.
- KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 2001.
- NIETZSCHE, F. *Schopenhauer como educador*. Tradução Adriana M. Saura Vaz. Campinas: Faculdade de Educação/UNICAMP, 1999.
- SCHOPENHAUER, A. *O mundo como verdade e representação*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

Texto recebido em: 21.05.2015
Aceito para publicação em: 02.08.2015